

# O Poder Econômico

Rubem Braga

Em discurso que fez recentemente em Vitória, o governador Cristiano Dias Lopes Filho desabafou: mal tem tempo para administrar o Estado, «porque a grande luta, a luta incruenta, está no defendê-lo dos que querem assaltá-lo, dos que querem dêle aproveitar-se, dos que vêem nêle fonte inesgotável para os favores e as concessões, dos que dêle tudo querem». E juntou:

«Em um Estado assim, o governador mais se assemelha a um valente cão boxer, defendendo, com heroísmo, a casa ameaçada de assalto. Contra êle, os interesses contrariados mobilizam tudo, desde a sabotagem que não tem coragem de sair da sombra, até as investidas de poderosos grupos econômicos que, na luta desairada pela vitória de seus interesses, conseguem insinuar-se no govêrno, amolecer consciências, quebrar normas éticas de comportamento nas posições de confiança e, quando mais não podem, buscam, nas libações etílicas, o elemento desinibidor que lhes dá coragem para agravar a honra e a moral da pessoa e da família do governador».

Não é segredo para ninguém em Vitória, que «os interesses contrariados» a que se referia o governador eram os do sr. João Santos Filho, da firma Itabira Agro-Industrial, que tem fábrica de cimento em Cachoeiro de Itapemirim. Essa firma defende a isenção que tinha no regime do imposto de Vendas e Consignações e que o nôvo sistema tributário fez cair. Debalde tentou o governador um acôrdo razoável que defendesse os interesses do município e do Estado; a questão está na Justiça, se não me engano a caminho do Supremo. Os interessados, que têm procurado se afirmar como força política, e trabalhar a opinião pública através de jornais e estações de rádio, mobilizam, como é costume nesses casos, as suas mais variadas influências.

Não tratei nunca dêsse assunto, porque dele não tenho informações precisas. Gostaria, entretanto, que o governador Cristiano Dias Lopes Filho rompesse o seu silêncio a respeito de um outro caso que tenho tratado aqui: a tentativa da Companhia Vale do Rio Doce de abocanhar a Reserva Florestal do Barra Sêca. Parece-me triste que nesse caso apareça o governador não como um valente «boxer», a defender os interesses do Estado, mas, se me permite a expressão, como um agente do inimigo. (Oficialmente, o que existe não é a Companhia querendo tomar aquelas terras: é o govêrno do Estado, o próprio govêrno, o próprio governador Cristiano Dias Lopes Filho, se dirigindo ao govêrno da União para pedir de volta aquelas florestas que lhe passara por doação — para entregá-las à Vale do Rio Doce. Não há poder econômico maior no Espírito Santo hoje do que essa Companhia. Não sei que argumentos terão seus dirigentes usado junto ao governador, para induzi-lo a essa atitude lamentável. Há, por aí, um locutor esportivo que, quando um jogador dá, sem querer um passe a um adversário, diz que «êle entregou o ovo na mão dos bandidos». É o que está fazendo, mov'do não sei por que injunções, o honrado govrenador de meu Estado.

Está havendo, felizmente, no campo federal, uma reação contra essa tentativa de crime contra o patrimônio natural do Brasil e a ciência, e tenho a grande satisfação de dizer que recebi, do sr. Ivo Arzúa, ministro da Agricultura, a segurança de que s. exa., alertado pelo marechal Juarez Távora, já chamou, para o assunto, a atenção do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, que tem por missão precípua a defesa do nosso patrimônio florestal.

Melhor seria que o governador de meu Estado reconsiderasse sua infeliz atitude nesse caso, em que está seguramente de boa-fé, servindo de agente de interesses escusos e antipatrióticos. O poder econômico tem muitas maneiras sutis de agir, e uma das mais interessantes é essa, de agir através daqueles que deveriam ser os primeiros a reagir contra a sua ação.